

Suñña - Vazio

Não é incomum encontrar comentários que os ensinamentos do Theravada são inferiores aos ensinamentos do Budismo Tibetano, porque não ensinam e praticam o vazio ou vacuidade que encontra destaque nos ensinamentos do Madhyamaka.

No livro *The Theory of Causality*, WSKarunaratne, argumenta que o sentido filosófico específico do termo *suñña* - vazio, na verdade tem o seu início muito antes dos ensinamentos do Mahayana, como pode ser facilmente verificado no Sutta Pitaka em Pali.

No Mahavedalla Sutta o Buda explica que o termo *suñña* significa a libertação da mente no seu sentido literal - vazio de um eu ou daquilo que pertença a um eu (*atta*).

MN43 - Mahavedalla Sutta

33. "E como, amigo, é a libertação da mente através do vazio? Neste caso um bhikkhu, dirigindo-se à floresta, ou à sombra de uma árvore, ou a um local isolado, reflete da seguinte forma: 'Isto é vazio de um eu ou daquilo que pertença a um eu'. A isto se denomina a libertação da mente através do vazio.

O que é vazio de um eu ou daquilo que pertença a um eu? Esse trecho do sutta não menciona mas são os cinco *khandhas*. Também não é mencionado nesse trecho breve do sutta, mas vale à pena lembrar que a "reflexão" ou "contemplação" tem como base *sila* - *sati* - *samadhi* sendo a contemplação o desenvolvimento de *pañña*.

Nos ensinamentos do Theravada o termo *suñña* por si só sem o uso de *atta* e *attaniyena* (eu ou que pertença a um eu), também foi usado para trazer à tona o significado de completa não substancialidade (nada que seja permanente ou sem causalidade). Assim, nos suttas, encontra-se o termo *suñña* usado sozinho para identificar o mundo como vazio. Um bom exemplo é encontrado no Suñña Sutta em que o Buda ensina através das *ayatanas* (bases dos sentidos) ao invés dos *khandhas*.

SN 35.85 Suñña Sutta

Então, o Ven. Ananda foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse: “Venerável senhor, dizem ‘o mundo está vazio, o mundo está vazio.’ Em relação a que dizem que ‘o mundo está vazio’?”

“Ananda, porque está vazio de um eu ou algo que pertença a um eu é que dizem, ‘O mundo está vazio.’ E o que é que está vazio de um eu ou algo que pertença a um eu? O olho, Ananda, está vazio de um eu ou algo que pertença a um eu, as formas ... a consciência no olho ... o contato no olho ... qualquer sensação que surja tendo o contato no olho como condição - experimentada como prazer, dor ou nem prazer, nem dor - está vazia de um eu ou algo que pertença a um eu. O ouvido está vazio de um eu ou algo que pertença a um eu ... A mente está vazia de um eu ou algo que pertença a um eu, os objetos mentais ... a consciência na mente ... o contato na mente ... qualquer sensação que

surja tendo o contato na mente como condição - experimentada como prazer, dor ou nem prazer, nem dor - está vazia de um eu ou algo que pertença a um eu.

As bases (*ayatanas*) são chamadas de mundo porque são as condições para que alguém possa perceber e conceber o mundo. As cinco bases físicas têm proeminência na fabricação da percepção do mundo, sendo que a base da mente tem um papel de destaque na concepção do mundo.

Nesse sutta o termo *suñña* traz à tona a característica mais antiga da visão Budista de mundo - que não há nada independente, discreto, autoexistente, sem causalidade, ou permanente. A visão mais oposta em relação a todas as escolas filosóficas da época do Buda. Que provavelmente também se aplica na atualidade.

Um uso ainda mais claro do termo *suñña* neste profundo significado filosófico é encontrado no Mogharaja-manava-puccha. A pergunta feita por Mogharaja é qual deve ser a visão de mundo para escapar da existência samsárica, que é um processo contínuo de nascimento e morte - uma questão sobre como realizar *nibbana* que está além do nascimento e da morte.

Snp 5.15 - Mogharaja-manava-puccha

Mogharaja:

“Eu não sei como o famoso Gotama vê este mundo, o mundo seguinte e o mundo de Brahma com os seus devas. Para aquele que viu até o limite mais extremo eu venho com uma pergunta: como alguém deve ver o mundo de modo a não ser visto pelo Senhor da Morte?”

Buda:

“Mogharaja, sempre com atenção plena, desenraizando a idéia de uma identidade, veja o mundo como vazio, assim você terá superado a morte. O Senhor da morte não verá aquele que vê o mundo dessa forma.”

Lembrando novamente que *sati*-atenção plena mencionada no sutta significa *sati* desenvolvida com base em *silā-samādhi*. Essa é a base para "desenraizar a idéia de uma identidade" e "ver o mundo como vazio", tal como foi descrito nos suttas anteriores.

Os suttas mencionados usam o termo *suñña* - vazio - em seu significado filosófico mais profundo. Para quem já teve a oportunidade de estudar os suttas do Theravada deve ter observado que em geral, o mais frequente, é o Buda ensinar que a característica de todos os fenômenos é *anicca* - *dukkha* - *anatta*, sem menção a *suñña*.

No livro mencionado no começo deste texto, WSKarunaratne destaca que o Buda teria optado por essa sequência de características dos fenômenos porque na época em que surgiram os seus ensinamentos o principal desafio foi argumentar contra o conceito de *atman* dos Upanishads. Nesse sentido o Buda utilizou *anatta* que vai no sentido contrário do conceito de *atta* ou *atman*. Em vista do entendimento filosófico/religioso na época o termo *anatta* teria sido mais fácil de ser entendido e aceito do que *suñña*.

Karunaratne segue descrevendo que na época dos Sarvastivadas o termo *suñña* passou a ser considerado mais adequado para representar a posição do Buda em relação à realidade dos fenômenos e assim ganhou mais proeminência ofuscando o termo *anatta*. Essa não teria sido uma mudança no entendimento Budista mas sim uma mudança de ênfase sob o ponto de vista filosófico da "ausência de eu ou meu" nos *khandhas*, para a completa ausência de qualquer tipo de independência, estabilidade ou permanência em tudo no mundo. Tudo está sujeito à impermanência e causalidade.

Também é destacado que enquanto os ensinamentos originais do Buda sempre oferecem um viés prático, ou seja simplesmente o entendimento intelectual não é suficiente, os ensinamentos de Nagarjuna, que acabaram sendo a base para o Madhyamaka, são consistentes com os ensinamentos originais do Buda em relação a *suñña*, mas o viés nesse caso é teórico porque a ênfase dos ensinamentos de Nagarjuna foi contrapor as idéias que estavam prevalecendo na época nas tradições Sarvastivada e Sautrantika em relação a uma natureza intrínseca (*svabhava*). A principal diferença entre os ensinamentos originais do Buda e Nagarjuna em relação a *suñña* foi justamente o viés prático e o intelectual. Essa diferença pode ainda ser observada na atualidade.

Mesmo na nossa época entendo que *suñña* acaba sendo mais atrativo pois reforça o viés intelectual da nossa cultura. *Suñña* é muito mais divertido e estimulante que *anatta* que pode acabar sendo assustador e facilmente rejeitado pela mente - difícil aceitar que "eu e meu" é pura delusão.

Mas os Ajahns da tradição das florestas, apesar de ocasionalmente fazer menção a *suñña*, o ensinamento mais comum acaba sendo a sequência das características de todos os fenômenos que é encontrada com mais frequência nos suttas do Theravada: *anicca - dukkha - anatta*. Para quem realmente quer alcançar algum resultado na prática ensinada pelo Buda e não quer ficar perdido numa proliferação mental interminável, faz todo sentido seguir esses ensinamentos dos Ajahns da Tailândia, pois *anicca* - impermanência - é algo que todos podemos notar com facilidade até mesmo sem ser um praticante Budista. Só precisa prestar um pouco mais de atenção a tudo que estiver ocorrendo.

A questão é incorporar de modo profundo esse entendimento na nossa mente, não somente através de observações ou pensamentos ocasionais. Alcançando esse nível profundo de entendimento em relação a *anicca*, as características de *dukkha* e *anatta* podem ser entendidas mais facilmente e também estar presentes na mente num nível profundo e consistente. Mas esse é um processo circular, que precisa ser repetido inúmeras vezes através da sequência *sati-samadhi-sati-vipassana*, tendo como base *sila*. Temos o hábito, adquirido através do nosso sistema de ensino, que estudar durante um período e depois fazer o exame e ser aprovado, recebemos diploma e tudo está resolvido.

Os ensinamentos do Buda não funcionam assim. Somente o estudo não traz nenhum resultado concreto. Pode apenas servir como base para dedicação à prática. Resultados através da prática dependem de muita dedicação com paciência e compromisso, pois a mente purificada, eliminando as contaminações (cobiça, aversão, delusão), será capaz de

entender de modo profundo, consistente e contínuo as características de todos os fenômenos. Isso pode exigir muito tempo e muita prática.

Mas é bom também lembrar que ambos *anatta* e *suñña* têm o mesmo significado nos ensinamentos mais profundos do Buda - os *khandhas* (todos) são vazios de um eu ou daquilo que pertença a um eu.

MBeisert
04/11/2021